

VIDA FLUMINENSE



Folia Illustrada.

ESCRITÓRIO

RUA DO OUVIDOR
02 — CORRADO — 02

CORTES

Trimestre	Semestre	Anno	54000	108000	216000	118000	236000
-----------	----------	------	-------	--------	--------	--------	--------

PROVÍNCIAS

Semestre	Anno	Anno	8000
----------	------	------	------



A ultima transformação do Dr. Semana

A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1898.

Publicamos hoje um desenho, obsequiosamente remetido pelo Sr. guarda-marinha J. C. de Carvalho Filho, que representa o panorama da *Laguna Irahuaná*, e onde se vê no primeiro plano a posição que ocuparam as duas chitas-bombardiras *Cureas e Rincachito*, e no segundo uma parte dos nossos entrenchamentos mais avançados.

Agradecemos de todo o coração ao Sr. Carvalho Filho a mimosa oferta com que se dignou de honrarnos, e lhe pedimos que continue a favorecer-nos com seu valioso auxílio.

Até que a final fui ver a *Aimée* do Gymnasio. Queix me conhece e sabe que sou um tanto difícil de contentar em matéria artístico-theatral, ha de exclamar logo que ler o intuito desse artigo: — «Arrede! que ahí vem metralha grossa!»

Pois não, senhor! Vi e não desgostei. Lá dizer que sahi do theatre apaxionado, isso não posso (e aqui entre parenthesis deixem-me confessar que não ha Aimée como a verdadeira, a do Alcazar) Porém falemos da arte em si, e não das Vestas que lhe alimentam a sagrada chama.

A *Aimée ou o Assassino por amor* foi posta em cena com bastante critério. O desempenho é discreto e igual; os trajes apropriados, menos no que respeita à guardadeira de cabras que se apresenta demasiado catita; a scenographia regular, se bens que baha no ultimo acto umas navenzinhas de salto hispaniol bem pouco vaporosas; mas o Sr. Giacomo, que aliás tem incontestável merecimento, não conhece outras nuvens.

O drama é escrito em linguagem vigorosa e concisa; não tem um só monólogo, um só dialogo, uma só descrição, um só aparte inútil e que afadiguem o público. A ação corre veloz e sem solavancos; e, quando o panne desce, depois do quinto acto, o espectador enxuga o pranto, tira do bolso o relógio e murmuram atônito: — «Está parado! Não podem ser só dez horas da noite!» — por lhe parecer impossível que em duas horas se desfesse tão intrincada meada.

Por ser excessivamente rápida sua ação e por fazer chorar muito, bem se poderia acharbar o drama em questão — um fogueira... de lagrimas!

O unico *busílis* da *Aimée ou o Assassino por amor* é a base em que se estriba o entrecho; aceita ella, tudo o mais se desliza suavemente. E, já que estou em maré de elogios, termino dando meus emboras à Sra. Ismenia por ter.... engordado tanto.

O Caminho do mal, em ensaios no Gymnasio, é composição de Brisebarre e Rus, e tem nada menos de oito actos! Mas o Sr. Furtado Coelho promete fornecer canas aos espectadores.

O drama não é novo; foi representado em Paris há onze annos, sob o título de — *La route de Brest*. Li-o há tempo. Se bem me recordo, é uma especie de — *Sete degraus do crime*.

Já agora não me retiro da arena theatrical, sem declarar que a companhia que, sob a denominação de Phenix Dramatica, trabalha no Eldorado, ensaiou actualmente um drama original brasileiro, *Os anjos do fogo*, que me asseguraram ser muito bonito. Vá o público julgá-lo por si mesmo.

Ha dias ouvi este dialogo:

Deedor. — Isto é abusar demais. Pago-lhe 1000000, e o senhor passa-me um recibo de 105000?

Credor. — Desculpe; foi engano.

Deedor. — Qual engano! Isto não se faz!

Credor. — Está bem! Não vale a pena zangar-se comigo por uma questão de nada.

Nota. — Desconfiem dos credores que fazem *calendourges*.

Instalou-se ha dias nesta corte uma sociedade sob a denominação de — Arcadia Musical —.

Tem por fim o cultivo da musica vocal e instrumental por meio de aulas regulares e de sárdis musicas.

Propõe-se além disso a ministrar diariamente aos socios as distrações, que costumam fazer parte de todas as reuniões deste gênero.

Os elementos de que a nova sociedade dispõe, justos à boa vontade do que se acham possuidos todos os socios fundadores, são auspicio certo de prospera carreira. Felicitando os promotores da fundação da — Arcadia Musical — a *Vida Fluminense* deseja sinceramente que possam levar por diante a tarefa, que se impuseram.

Os homens conhecem-se pelos bicos. Examinem-os e verão como são distintos uns dos outros.

O bicho do capitalista contém: muito dinheiro, alguns bilhetes de beneficio, um cartão de visita de Mlle. X. e uma cartinha perfumada para Mlle. Y.

O do negociante apertado: muito pouco dinheiro,

papel sellado, alguns recibos e uma brochura do Código do Commercio.

O do dandy: muita conta por pagar, um par de luvas de pelica, alguns charutos, uma madeixa de cabellos, meia duzia de cartas amorosas e uma fivelha caída da botina da Aimée.

O do poeta: uma ponta de charuto, rimas soltas, um artigo humoristico, uma flor murcha, um jornal velho, e varias outras mudezas.

O do medico: um estojo cirúrgico e umas circulares pedindo votos para a municipal.

O do usurario: muita citação, muito embargo, muita penhora, muito despejo (sem malícia).

O do empregado público: pouco dinheiro, alguns biscoitos, um masso de cigarros e diversos vales.

O do homem casado: uma lista dos mantimentos preciosos para casa, umas amostras de chitas e casas, diversas medidas de sapatos pequenos e grandes e mais isto! e mais aquilo!! e mais aquil'outro!!!...

Pica o leitor encarregado de completar esta lista.

+

Com a publicação do soneto infra, só pretendo provar que nossos bravos soldados, apesar dos mil perigos e privações que sofrem, nunca se esquecem de rir e cantar. Os versos foram feitos nos invios seríos de Mato-Grosso. Em Coxim inspirou-se o poeta, em Coxim, onde poucos nates chegaram, alpendrado de causas, torturado pela fome, martyrisado no corpo e na alma pelas dores que sofrerá e pelas que via prostrar seus companheiros de glórias e de desgraça!

Como pôde resistir o estremo a tão crucis provações? Como pôde a inspiração correr trofega e alegre sobre uma vereira tão afeitada de amarguras?

Explique o quem puder. Eu não explico; admiro o lamento que o bardo se occultasse por trás de uma simples inicial.

Ahi vai a poesia:

SOSERTO.

Bontem sonhei. Que sonho deslumbrante!
Sonhei cousa melhor que o paraíso,
Melhor que da donzella o meigo riso,
Melhor que o doce beijo d'uma amante.

O sonho meu não ha, não ha quem cante,
Venha embora o poeta da misa siso!
Que do apocalípse se ergam autorizo
Shakespeare e Camões, Petrarcha e Dante!

Desperlei!... Oh! que sorte malfadada!
Tão cedo se findará a dita minha,
Qual estrela n' meus olhos desmuniada.

O coitado que triste aqui desfia,
A comer só churrasco — sem mais nada,
Sonhou que tinha um prato de farinha!

D.

Coxim, 20 de Dezembro de 1866.

PERGUNTAS ENIGMÁTICAS.

Qual é o nome proprio do homem que começo na panela e acaba no espelho?

Quais são os dous sentimentos agradáveis que renâos desgostam?

Em que é que certos instrumentos se parecem com a agua corrente?

UM CONSELHO.

N'numa quadra tão calamitosâ creio prestar relevante serviço à humanidade, indicando um meio infalível de fazer economia.

Ahi vai elle. Admirem-se; pasmem e começem desde já angariando donativos para a confecção da minha estatua, que deve ser erguida n'uma das principais praças do Rio de Janeiro, na do Mercado, por exemplo.

A idéa n'foi tão minha; a applicação sim. Foi um caso sucedido n'ao linhito mezes em pleno carnaval. Contaram-n'lo: não faço mais do que reproduzir com descoradas phrases, respeitando, quanto em minhas forças cabe, a verdade e moralidade do conto.

Se dão licença, eu começo:

PROLOGO

Quisos, filas, plumas, campainhas, flores, velludos, gritos, chitas, berros, sedas, pulos, lantejoulas, no-bracos, empurrides, penas, coroções, damascos, quadus, risolas,... era um verdadeiro inferno à porta do Théatre Lyrico no noite do ultimo balle mascarado.

Um *chicard*, de brago com uma *pierrette*, aproximase do bilheteiro. A mõ do povo era tal que ninguem se podia mexer; mas à força de muita cotovelada chegou o ditoso par a pequena distancia do Charonte, que lhe devia dar bilhete de passagem para o Averno carnavalesco.

Um guarda urbano ponderou ao *chicard* que n'foi devia atropelar os outros.

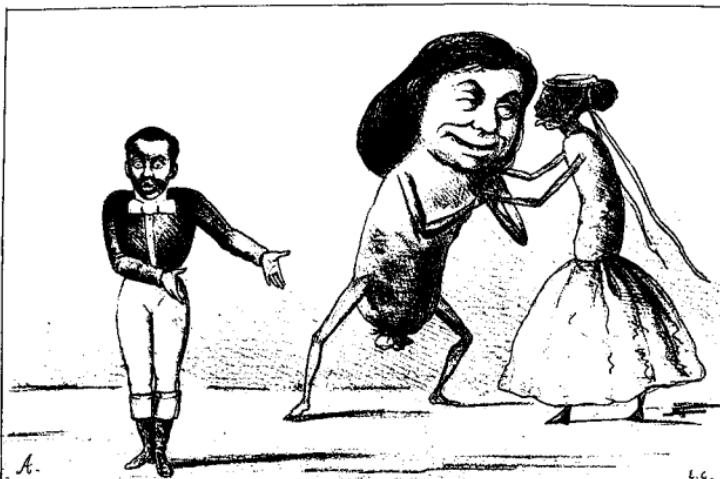
— Quero comprar bilhetes de entrada.

— Espere que chegue sua vez; n'foi seja imprudente. Bem que tal disseste!... Zis! e o guarda urbano rolou no chão, impelido por uma rasteira que lhe deu o *chicard*.

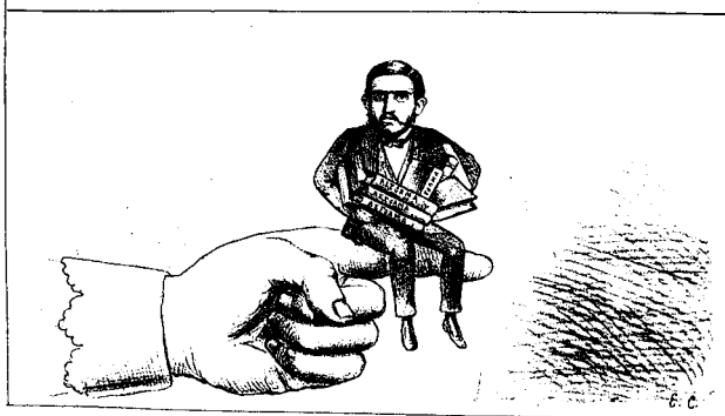
— Esta preso! bradou o oficial de urbano.

Zis! segunda rasteira fôz o oficial deitar-se a flor comprido sobre o guarda. Acudiram outros sustentando

(Continua na pagina 298.)



— Olá, façam-me o favor de dizer se isto não é uma vergonha! Nhonhô feito paio para agradar a uma salsicha! Que pensam as famílias, Santo Deus?! E depois sustentam que eu é que sou o moleque!... Eu, que quando vejo estas coisas sinto subir-me o rubor às faces!...



Chegou da Europa!

E a Vida Fluminense tem a honra de apresentá-lo ao respeitável público, e anunciar que veio cheio de saúde.... e de reformas, cada qual mais importante.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amedée Achard.

SEGUNDA PARTE.

CAPITULO XXVI

(Continuação)

2000 FRANCO

Quando chegou o momento de apresentar-se à sua naiá, João de Werth foi procurar o Sr. De Pardailhan, que o conduziu diante da Sra. de Souvigny. Soot a primeira batalha de meio dia, João de Werth inclinou-se e estendeu a mão:

— Ainda não! exclamou Diana, que, inclinada para diante, com um gesto impunha silêncio a todos.

Começavam-se a ouvir na rua um ruído incompreensível; a grande porta da casa gyrou sobre seus queixos; ouviu-se no patão de entrada um tumulto extraordinário, que pouco a pouco se aproximava; e logo apagou a voz sonora de um escudeiro gritou:

— O rei! A porta da galeria abriu-se de par em par; e Gustavo Adolfo apareceu, tendo ao seu lado o Sr. De La Guerche.

O barão empalideceu.

Vendo Armand, Adrianna deu um grande grito e correu para ele, exclamando:

— Ah! não me accuses! Elle salvou-te!

O olhar de Armand encontrou o de João de Werth.

— Elle! Oh! Isso em tudo isto uma trama horrível, como segredo pôa, posso devassar.... mas, mercê de Deus, cheguei a tempo!

João de Werth estava cada vez mais pálido; compreendia que tudo estava perdido, porém seu orgulho não se dobrava.

Adrianna disse a Armand:

— Quando me disseram que ías morrer, quasi enlouqueci! Estava a meu lado um homem que disse que te salvaria, contanto que em jurasse ser um mulher... Lutei... muito! mas o receio de ver-te subir os degraus do cemitério... Eu já tinha implorado em vão ten perdão! O que me passou depois, não sei; sei sómente que este homem veio dizer-me que, graças aos meus esforços, estavas livre da morte... e eu havia prometido ser sua. Porém, juro-te que logo que subisse da alta, eu seria conduzida para o túmulo.

— Ah, infame! bradou Armand, abraçando Adrianna e fitando o barão com desprezo.

— Este homem mentiu! disse então o rei.

João de Werth quis adiante-se. Gustavo Adolfo conteve-o com o olhar e prosseguiu:

— Surprende-me, Sr. barão, encontrar aqui o embaixador de Sua Magestade o Imperador d'Allemânia,

a quem declarei que nada mais tinha a fazer na Suécia. A guerra está declarada, senhor; volte, pois, para sua pátria e já! Creio que João de Werth não ousaria sustentar diante de mim que cooperou, nem de leve, para a salvação de Armand.

E, sem fazer mais caso do barão, o rei voltou-se para Adrianna, a quem disse:

— Sua naiá, nuda, dava a João de Werth. Sua mão está livre de qualquer compromisso.

— Livre! Livre! bradou ella.

O barão, dirigindo-se ao Sr. De Pardailhan, perguntou-lhe com fleugma:

— E sua palavra também está? Sr. Marquez? Julgue-se acaso também livre de juramento prestado, quando o arranque das garras da morte?

Ouvindo estas palavras o Sr. De Pardailhan estremeceu, mas respondeu com calma:

— Ainda não tem motivos para duvidar de mim, Sr. barão.

Adrianna, porém, tinha recuperado todo o sangue-frio e coragem:

— Não será verdade (perguntou ella) que, sendo maior, posso livremente dispor da minha mão?

— É verdade, responderam a um tempo o rei e o marquez.

— Nesse caso, ainda recuei, meus amigos. Eu esperarei, e se o Sr. De La Guerche for tão constante como eu, daqui a dois anos estaremos unidos.

— Bem! exclamou Diana.

— Dous anos! é mais do que o tempo preciso para vencer a Suécia. Eu também esperarei! disse João de Werth.

O rei e Armand fitaram fulvos de cólera o barão; mas este seu abaiçar os olhos, e batendo nos copos da espada, onde se via ainda pendente a roseta, bordada por Adrianna, prosseguiu com arrogância:

— Quanto a vós, Sr. De La Guerche, procedei como gentil cavalleiro!! Vinde tirar daqui este penhor de vosso amado. Vinde! e, se o conseguirdes, desembargareis o Sr. marquez de seu compromisso!

— Ah! profiro isto! respondem Armand. Ento o Sr. barão, juro que o Sr. De Pardailhan ficará desbrigado da palavra que lhe deu desde o momento em que eu lhe arranque d'ali essa rosata.

— Juro, e dou como testemunho esta lava, que atiro a sensép.

— Guerra, pois, e guerra implacável! bradou Armand erguendo a lava.

— Quanto a vós, oh rei da Suécia, encontrai-nos homens no campo do batalha. Até à vista! exclamou o barão, retirando-se tranquillo, ativo e com a mão nos copos da espada.

CAPITULO XXVII.

A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO.

Na época em que isto aconteceu, todavia a Europa estava em chamas. Corria a primavera de 1830. A reforma pregada por Lutero, e mais tarde por Calvin, tinha precipitado a dissolução da sociedade católica da media idade. Alguns soberanos aproveitaram-se da ocasião para quebrar as cadeias que os prendiam à corte de Roma e se apoderaram dos bens que pertenciam às abadias, conventos e bispos. Para os povos era um incentivo para a revolta. Porém o mesmo perigo que ameaçava o poder da igreja, ameaçava a purpura dos reis; com a descrença da infiabilidade da igreja surgiu a desobediência contra a tiranice dos príncipes. Em França, nos Países Baixos, na Alemanha, na Polónia, na Hungria, por toda parte ardia o facho da guerra, cada vez mais devorador; desde o Báltico até o Pô. Fernando contra Frederico, o eleitor de Saxe contra o de Brandenburgo, a Áustria contra a Polónia, a Dinamarca contra o Império, e, no meio das províncias esmagadas, apareceram chefes terríveis como Mansfeld, Christiano de Brunswick, Pilly, Torquato Conti, Wellestein semeando por toda a parte suas rapinas, tão nocivas aos seus partidários, quanto aos seus inimigos.

Brigava-se em todos os povoados, mas não se sabia ainda que aquela guerra tinha de ser a famosa guerra de trinta anos, que como um turbilhão arrastou com si as maiores potências do continente.

Tinha sido a hora em que a Suecia protestante devia medir suas forças com Fernando d'Austria e Maximiliano da Baviera.

A Europa tinha os olhos fitos em Gustavo Adolfo. As boas qualidades de que dera provas logo que sucedeu a seu pai, Carlos IX, as guerras felizes que sustentara contra seu tio Sigismundo, rei da Polónia, sua coragem cavalheiresca, sua constância & fé jardada, a habilidade que desenvolvia na administração de seu reino, tudo concorria para fazer das o sobrano mais notável do velho continente. Gustavo Adolfo estava na idade em que se concebem as maiores emprezas e em que se tem mais energia para executá-las. Demais contava com o amor de seus subditos, com o respeito dos nobres e dos generes, e com a dedicação do ministros experimentados, entre os quais ocupava o primeiro lugar o Chanceler Oxensiern. Tinha finalmente as finanças em boa ordem, uma esquadra numerosa, e um exército aguerrido e afiado a vencer.

Richelieu o conhecia, o Imperador Fernando o temia. Quando verificou que se achava preparado para entrar na liga, Gustavo Adolfo confiou no senado

seu filho Christina e os reais do governo, e declarou que partiu para a Alemanha, onde o havia a necessidade de defender sua cõrda e de proteger os príncipes reformados.

Estava, entô, o exército acampado em Elsflethe. Mil alemães o saudaram o rei no momento em que passava revista no meio de suas fileis e melhores guerreiros, aquelas mesmas que já tantas vezes haviam derramado seu sangue nos campos de batalha.

Entre os soldados de Gustavo Adolfo havia muitos franceses: eram pela maior parte calvinistas, que não tinham querido dobrar-se ao jugo de Richelieu. Esses formavam um grupo à parte, temíveis pelo valor, e mais empenhados de travar a luta, porque eram fidalgos que tinham de reconquistar a pátria. Entre ellos achava-se Armando.

Os franceses, alinhados nas fileiras sucas, tinham projectado formar um esquadrão de cavalaria ligera e de dragões que marchariam na vanguarda do exército, para serem os primeiros a ferir batalha. Na mesma ocasião resolveram que o commando d'este corpo de cavalaria seria dado àquele que o指挥io de seus camaradas designasse como o mais bravo.

Por deferência pelos nomes e desgraças daquele paulado de bravos, o rei consentiu que elegessem seu chefe.

Quando se reuniram n'uma vasta sala para deliberar, um cavaleiro, que ninguém tinha até então visto, mas que pela fúria se conhecia ser francês, entrou e tomou assento. Seus traços empoeirados e safados indicavam que acabava de fazer comprida jornada; suas armas, porém, estavam em bom estado. O porte e ademais eram de um fidalgio.

Tinham-se já apresentado diversos nomes, todos recomendáveis pela faina, mas nenhuma se havia ainda decidido. O homem de vestimenta empoeirada levantou-se e disse:

— Ha um meio de chegarmos a um acordo e esse é não escolhermos nenhum dos nomes spontâdos.

— Que vejo! Reinado aqui! murmurou Armando, que até então não tinha reparado no recom-chagado.

— Mas, quem escolheremos então? perguntaram diversos vozes.

— Aquelle que alli está e que com o gesto quer impôr-me silêncio; o conde Armando De La Guerche.

Esta idéa foi acolhida com entusiasmo. A lembrança do que Armando havia feito no cerco da Rochela estava bem patente no ánimo de todos os circumstantes. Um só inconveniente parecia haver para tal nomeação, e esse era a pouca idade de Armando. Os mais velhos não sabiam se sua prudência corria parolah com seu denodo.

— Onde aprendeu elle a comandar? perguntou um huguenote do rosto cicatrizado.

— Aprendeu a vencer! exclamou Reinaldo, meio encolerizado.

Esta resposta produziu viva sensação. Reinaldo aproveitando-se da emoção que elle excitara, subiu em um banco e prosseguiu em alta voz:

— Disse que sabia vencer, porque vio-o muitas vezes na luta, porque quebrou trinta e tantas espadas contra a de sem nunca poder lisoquejá-me com uma vitória! E o que não consigo, desafio ao mais valente que o consiga!

Tal audácia promoveu a admiração de uns e a cólera de outros. Era uma questão de temperamento.

— Ora queria dizer-nos como se chama sua senhoria! disse um dos descontentes.

— Santo Deus! Vai fazer-se matar! pensou Armando, que se pôz a pular por cima dos bancos para aproximar-se de Reinaldo e defendê-lo, caso fosse agredido.

— Minha senhoria chama-se o marquez Reinaldo de Chantaine, para servil-o.

Houve grande murmurio na assembleia, depois romperam gritos de todos os lados:

— E' um católico!

— Um inimigo!

— Um endemoninhado ligueiro!

— Combateu na Ilha de Chantaine entre os soldados de Richelieu!

Tes eram os brados que soltavam. E logo uma porção de lâminas brilharam meio desembainhadas. Armando, que conhecia o genio impetuoso de seu amigo julgou que tudo estava perdido. Porém grande foi seu susto, quando viu Reinaldo, cheio de calma, fazer com a mão o gesto de querer falar. E tal era o sangue frio, que mostrava, que todos se enlouqueceram.

Reinaldo disse:

— Sou católico, não o nego; combati na Ilha de Chantaine entre os soldados do cardenal de Richelieu, confesso. Estou portanto entre vós como uma ovelha sacra na meio de um rebanho sem macula. Mas, que tem isso? Não é de mim que se trata. Reuniście-vos aqui para escolher um chefe. Escollhei-o, pois, em primeiro lugar; depois massacrarei-me, se quizerdes... só o que vos peço é que me deis licença para me defender um poucaxinho.

Os huguenotes não puderam deixar de rir, ouvindo este final de discurso e no mesmo instante todas as espadas desapareceram nas lâminas.

— Esperai; ainda não acabei! prossegui Reinaldo. Tenho ainda algumas palavras a dizer em favor do meu candidato. O Sr. De La Guerche é de tal natureza, que, apesar de ser huguenote, foi escolhido pelo car-

deal de Richelieu para ser portador de uma mensagem dirigida ao rei Gustavo Adolfo, mensagem que fará com que a França seja aliada da Suécia. Que meu amigo me desminta, se for capaz... Vede! Ele calha-sa; que mais queréis?

Ouvio-se na assembleia um murmurio de approvação.

— Senhores!... começaram a dizer Armando.

— Silêncio! Quem está com a palavra sou eu! prossegui Reinaldo. Com que direito queres oppor-te à livre manifestação de minhas opiniões? E eu insisto neste topico, meus senhores, porque fico empenho de saber sob as ordens de quem von combater.

Desta vez foi um gesto de surpresa que respondem as palavras de Reinaldo, que continuou:

— Eu me explico melhor. Por muito que eu seja católico desde a cabeça até os pés, nem por isso deixo de ser frances, desde os pés até a cabeça. Ora a França é aliada da Suécia nesta guerra, e tanto basta para que me aliste em vossas fileiras. Agora, peço vossa amizade; ainda a guerra, se alguns de vós quizerdes ajustar contas comigo, Santa Estocada haverá proteger-me, por ser minha padroeira. Dito isto, queréis que eu saia dos vossos?

— Sim! Sim! bradaram todos.

— Então, voto pelo Sr. De La Guerche, e quem fôr como eu signe meu exemplo!

No mesmo momento fôr Armando proclamado chefe do esquadrão dos huguenotes franceses.

— Ento, nito me abraças, meu capitão? disse Reinaldo, apertando nos braços seu amigo.

CAPÍTULO XXVIII.

CONFESÃO E FESTINOS FESTINOS.

Momentos depois festavam sentados Armando e Reinaldo na mesma barraca, diante de um presunto e dous frascos de vinhos franceses, quando ouviram um gêniulo do lado da porta. Era Carquefou, que entrou mais magro e mais comprido do que no tempo em que guerreava contra os lobos.

— Coitado! Já nem me lembrares de! exclamou Reinaldo. Como estás, Carquefou?

— Creio que já morri, senhor marquez. Na estalagem em que fizquei havia mais salteadores do que frangos assados. Que fome soffri! Nem sei como pude sair-me de lá...

A vista do presunto e de um pão selvagem que Magno trouxe em um prato fumegante fez sorrir Carquefou, que disse lambendo os beijos:

— Comego a sentir-me muito melhor!

Armando disse a Magno, mostrando Carquefou:

— Recomendate este rapaz.

— Cuidado! Vô lá que não o desanquent! acrescentou Reinaldo.

— Fizquei tranquillo. Ponho-o debaixo da pro-

teção de Duríndana! respondeu Magnus, saindo com Carquefou.

Armando perguntou ao seu amigo:

— Não me explicares tu como é que te achas na Suécia, em vez de estares no castello de Mirval?

— Ah, meu caro! Faco justiça a Clotilde, declarando que ella auxiliou-me deveras na penitencia que me impuz. Porém, que querás? veio um tio velho e rheumático falar-me em cunhamento! Sufa! Uma penitencia perpetua parecem-me excessiva, pelo que encaminhei-me logo para Paris, onde fui muito bem recebido no côrte: mas, avalia minha desgraça! a lembrança de Diana de Pardilhão perseguiu-me dia e noite. Puxa! combatet-a...

— Empregaste os jejuns e maceracões.

— Tal qual, meu herego! Os jejuns, as maceracões e os olhos verdes da Senhora das Sereias.

— Ah, olhos verdes!

— De certo, é conveniente mortificar o corpo com maceracões: já tinha conhecido olhos pretos, pardos e azuis: faltavam-me os verdes. Aurora, era o seu nome, teve piedade do meu martyrio. Esta nova penitencia durou quinze dias. Saindo de Paris, fui para Bruxellas, onde fiz todo o possível para esquecer Diana, pondo-me de joelhos horas esquacidas aos pés de Gretchen. Sempre em voo! Em Flandres e nos Países Baixos continuei minhas penitencias, com melhor resultado. Uma forca invencível impel-

ha-me sempre para o norte. Cheguei à Dinamarca, onde o archeote da guerra incendiava tudo! O cheiro da polvora tinha-me retemperado o coração, a noite de estar Gustavo Adolfo reunindo tropas para entrar na luta acabou minha cura. Raposei o cavalo, embarquei-me em Hamburgo e aqui estou.

— Toma cuidado! Diana não te esqueceu!

— Ah! isto seria o cumulo da desgraça! exclamou com alegria Reinaldo.

Clotilde nunca havia confessado seu amor a Diana. Porém ella tinha logo adivinhado que sentimento inspirava a Reinaldo, mesmo antes que elle tivesse consciencia do que sentia. O que mais agravava à filha do Sr. de Pardilhão era o acanhamento, um certo ar modesto que descoibia no intrepido soldado; e que atribuia no escrupulo de um colecto leal. Reinaldo era pobre; ella uma das mais ricas herdeiras da Suécia. Não obstante elle nunca procurou surpreender seu coração, nunca preferiu uma lisonja diante da sua paz; pelo contrario, era sempre reservado, por vezes mesmo áspero. Tudo isto, em vez de desagradar, auguriou a sympathia de Diana, que o considerou desde logo uma alma elevada.

Por sua parte, e sem precisar falar, deu Diana a conhecer qual era o caminho que devia trilhar para alcançar seu amor. Reinaldo devia occultar o seu amor e assinalar-se por algum feito estroondo.

(Continua.)

O ESTABELECIMENTO LITHOGRAPHICO

DA

VIDA FLUMINENSE

52 RUA DO OUVIDOR 52

SOBRADO ENCARREGA-SE DE FAZER

RETRATOS

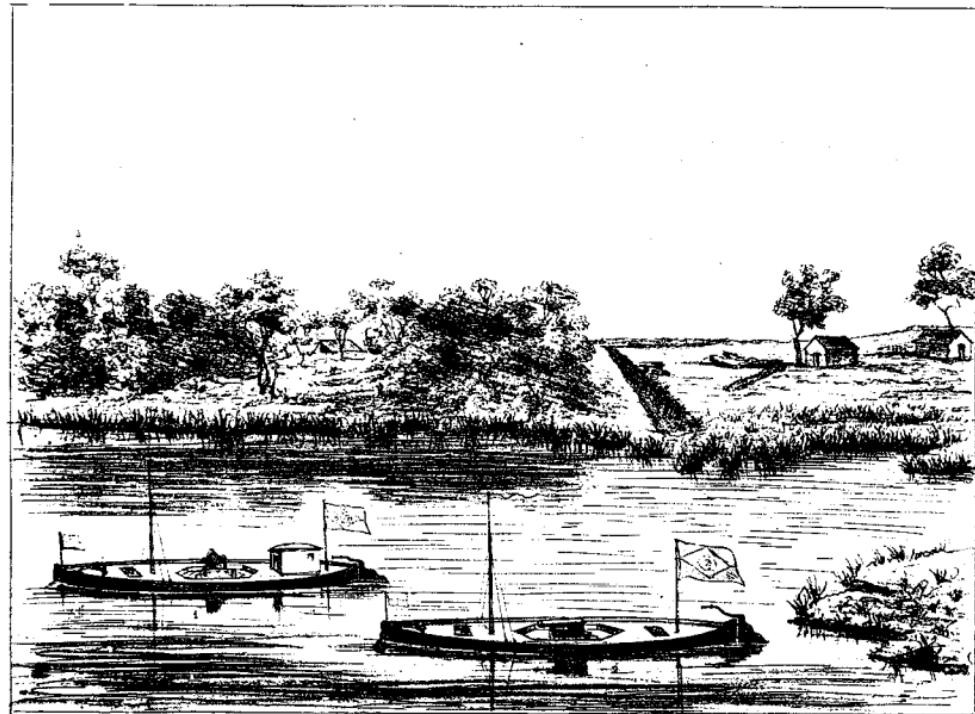
Mapas
Apolices
Autógrafos

Facturas
Letras
Circulars

BILHETES DE VISITA

COM ESTAMPO E DECORAÇÃO

PREÇOS MÓDICOS



Guerra do Paraguai.

Vista de uma parte da *Lagoa* fortificada a norte das do 2º.
N. 1—Chata Curua, co-
N. 2—Chata Riachuelo
N. 3—Mangrullo de

fundeadas as chatas-bombardeiras *Curua* e *Riachuelo*, e da esquerda das
Carvalho,
antonio da S. Fróes Junior.
Junigo em Humaitá.

doras da ordem publica e o *chicard* foi conduzido para o xadrez da polícia.

1º ACTO.

(Monólogo do chicard.)

Oh, é uma infusão! Prender um cidadão um nonte do ultimo baile mascarado! E porque? Por nada; por que ha urbanos que não são urbanos, que provocam quem vai passando tranquilamente, e que no fim de contas cahom por terra como folhas secas em dia ventoso! Oh, mas ato hei de ficar aqui toda a vida! E logo que sna... verão com quantos paus se faz uma canoa. *(Broco silêncio)* São dez horas da noite! E agora que começa a ficar animado o baile. Os mascarados cruzam-se em todas os sentidos! A orchestra dá o sinal da 3ª quadrilha! Que animação! Que alegria! Que turba-multa!... E eu aqui... só... triste... furioso! Ah, como vou vingar-me amanhã! Meu braço não desculpará enquanto não der cabo de vinte urbanos... pelo menos!...

2º ACTO.

(Continua o monólogo.)

Son meia noite! O bojo do theatro Lyrico deve estar apinhado de gente! Como se divertem todos elles, enquanto que eu... oh, raiva!... E elles, elles, sobretudo como devem estar satisfeitas, alegres, arrebataadoras. A esta hora o calor, o cansaço e o Champagne devem tingir-lhes as faces de carnain. A esta hora tudo é vida, delírio!... Agora me lembro... que fim levaria Rosinha? Foi comigo; separaram-nos! Que ton acontecido, coitada! Ela gosta tanto de sorvetes, de sandwichs, de viabão do Rhenio e de valsa a tres tempos; e naturalmente ha de estar com fome, com sede, com vontade de dançar sem ter um cavalheiro sequer! Sicarios urbanos! Mas que onço! O sono de um epítio! E a quadrilha que vai começar. Ilusão! E' uma patrulha que passa....

3º ACTO.

(Ainda monólogo.)

Duas horas da madrugada! O contentamento geral chegou ao seu auge! Que estraldos guinadas de riso! Que cancau desenfreado!... Que!... E eu entre estas quatro sombrias parades, aborecido, desesperado, tendo entre tanto a carteira cheia de dinheiro. Como é horrível ter a gente dinheiro e não poder divertir-se! Saí de casa com duzentos mil réis; tencionava andar de carro, dançar muito, beber ainda mais, e depois ir cejar no hotel, e inundar Rosinha de Champagne e de tudo o mais que lhe apetecesse. E no entanto tenho o estomago a dar horas, e nem uma codinha de pão para roer! Qual! vinte urbanos é pouco! Hei de matar todos os que existem e que existirem nestes dez annos mais próximos.

4º ACTO.

(A's quatro horas da manhã).

(Scena dividida pelo meio; de um lado o Chicard só, do outro a Pierrette em companhia de um príncipe).

Chicard: Como estes monados os dous!

Príncipe: Vem, Rosinha; quem se arrisca a amar, arrisca-se a padecer!

Rosinha: Sim, meu benhinho! Sabes que é meu único amor, e que por ti sofro com prazer as maiores torturas.

Príncipe: Prenderam-nos Ata! Que mal fizemos nós? Só porque deu uns piparotesinhos naquele sujeito do nariz vermelho, que nos bateu o copo de paráty.

Chicard: Ella bebe aguardente e eu ia pagar-lhe champaña! Como sou paio!

Príncipe: Mas quem foi que te pagou esta roupa tão bonita?... Rosinha, já vejo que tenho um rival!... Confessa que o amas; anda, confessa, Ro... Ro... Rosinha!

Rosinha: Qual! Quem me deu esta roupa é um toleiro; mas tem dinheiro. O que eu queria era... surripiar-lhe os cobres e com elles... pagar-te à ceia...

Príncipe: Deveras!... Bem... lembrado... Hasde fazer... isto... no anno que...

(Rosinha e o Príncipe, muito ebrios, farraram no somo).

Chicard: E ento? Ora vejam com quem é eu gastar o meu dinheiro. Louvado sejam os urbanos que não me deixaram calir na esparrela!

5º ACTO.

(Diálogo entre o Chicard e o urbano, que o conduziu na véspera ao xadrez).

Urban: V. S. pôde sahir e ir para sua casa. Esta solto.

Chicard: Já?... Ora, gera. Creio que forte tu mesmo que me predeste hontem.

Urban: Sim, señor! porém não me queria mal; bem sabe que temos ordens a cumprir...

Chicard: Querer-te uia? pelo contrario. Dou-te 10\$ para beberes uma garrafa de vinho à minha saude, com a condicão de que sempre que eu quiser entrar num baile mascarado, hastê chamar-me de imprudente como hontem...

Urban: Mas....

Chicard:... para que eu possa, em vez de uma, dar-te mein duzin de rasteiras.

Urban: Pordém...

Chicard: Que queres, meu amigo? Só assim poderei fazer economias uma vez no anno!

MORALIDADE.

Quem quiser economizar, procure um urbano... zás!... Tal é o conselho que dá o reverente servo.

A. da C.

VARIÉDADE

A PROPOSITO DO FAMOSO POETA
BARIANO

FRANCISCO MUNIZ BARRETO

Haverá cerca de dez annos achava-se de passagem na Bahia uma cantora italiana, calorosamente festejada pelo mundo elegante da segunda cidade do Império.

Cultor sincero de todos quantos se distinguiram pelo vigor da intelligencia, Francisco Muniz Barreto fora um dos primeiros a saudar em brillantes improvisos a artista recençegada.

Os quæ eram admittidos à convivencia do distinco poeta conheciam por demais o desembarço com que elle improvisava rapidamente qualquer trecho poetico de singular beleza; alguma havia porém que lhe negavam a facilidade do improviso.

Um pequeno grupo de estudantes da academia de medicina pertencia no numero dos incredulos, e desejava achar occasião de julgar por si se era justa a reputação de improvisador, concedida no poeta bahiano.

« Não se fez esperar o ensaço. »

D'ahi a dias a cantora italiana devia participar num concerto, pronovido pela generosidade de alguns cavalheiros, em favor da familia de um desventurado piononte, que, vítima da febre amarela, viera longe da patria exalar o ultimo suspiro no solo americano.

Sabiam os estudantes que não era Muniz Barreto homem capaz de faltar a qualquer festa desta natureza; e de tal sorte contavam com a sua presença que se apresentaram no teatro dispostos a desfilar a inspiração do poeta por forma a lhe deixar divida sobre a destreza do seu genio improvisador.

Aproveitando o momento em que o entusiasmo produzido pela voz da *prima-dona* se convertem em veementes ovacões, um desses moços, aproximando-se do poeta, disse-lhe:

« Si no cœo se canta assim

A morte não mette medo »

Muniz Barreto levantou-se; olhou ultravista para o estudante; pousou-lhe a mão no hombro com certa familiaridade ironica, e dirigio-lhe apenas estes palavras: « Nôo est. sem respecto, meu doutor. » Seguiu-se profundo silencio.

O poeta pensou por alguns segundos e preferiu em seguida os versos que ali transcrevo:

Tomarei que um Seraphim

Me veulta em sonhos dizer

« Se no cœo se canta assim. »

Agestini, quanto a mina,
Deixando do mundo o entredô
No cœo se vai, turdo ou cedo
Gozar essa tua voz;
E sendo assim para nós

« A morte não mette medo. »

Quando a ultima sillaba lhe moeveu nos labios, aplausos delirantes ecoaram em toda a sala, e o poeta e a artista dividiram entre si as grinaldas emmucracheicas que de todos oslados o entusiasmo publico lhes oferecia.

Stão ainda improvisos do vate bahiano os sonetos abaixo transcritos, que hoje veem a luz da publicidade.

Não é só o teu canto sobrehumano
Que entusiasmam no poeta accendo;
Não nos captiva só, não só nos rende
Teu magestoso ar, teu modo urbano.

Predicado melhor, mais soberano,
Teus meritos, Rachel, exalta, estende;
Para tou mair brazo, em ti se prende
Alma de artista e coração romano.

Mulher! quando em vivissimo transporte
Suspirar pela patria libertado

Te ouço e lamentar das teus a sorte,

« Roma! Roma! (eu exclamo) à magestade
Do teu solo alto soffre intrea morte »

E tu, mulher, quem é?.. Tu és deidade.

Quem da sua arte pela esphera addja
Desprendendo immortal vlos divinos
Da palma ingenua de mens pures hymnos
Justo & que hoje corona seja.

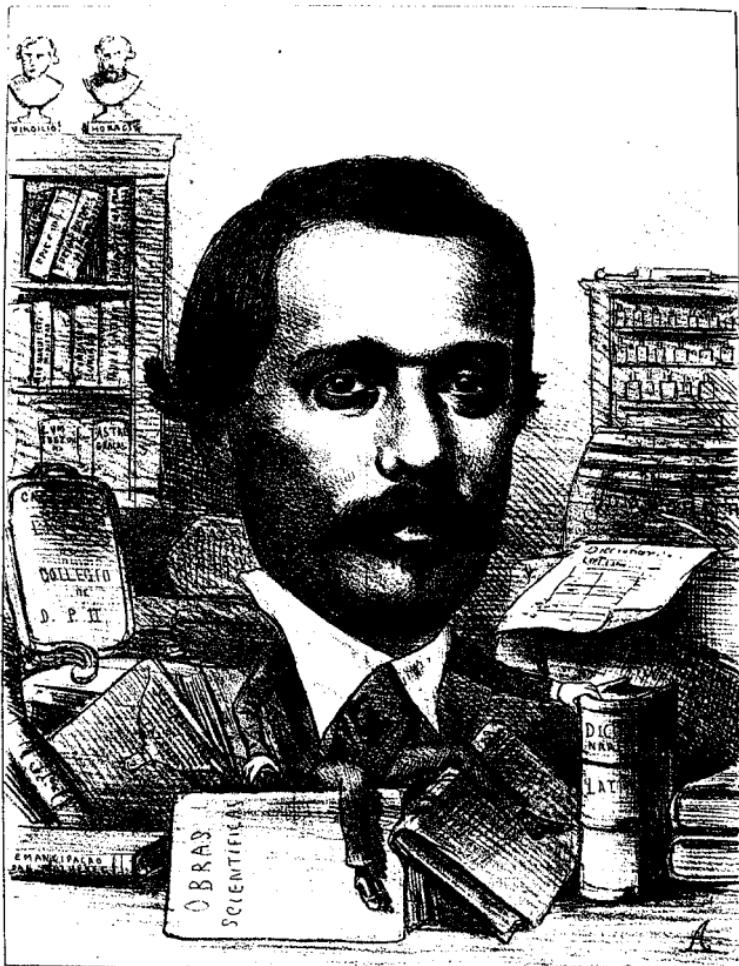
Aqui a tens, cantora! O cœo protija
Sempre teus dias de vaivens ferinos!
Preenchiolos por ti altos destinos
Na scena o vate glorioso seja!

Quando cantas, Rachel, tudo se abala;
Na tua voz celi-flua a natureza
Sempre eloquente ao sentimento fala:
Se rainha do mundo na grandeza
Foi Roma, tua patria, para hora-in,
Tu és no canto divinal princeza.

Aquelle que o cœo dotara tão largamente devo a
patria um singelo monumento, que lhe perpetuo a
memoria.

Erigiome-lo, cumprir a cidade de S. Salvador
o voto de todos os legitimos cultores das artes e das
letras.

A. DU A.



PANTHEON DA VIDA FLUMINENSE

N. 3

Dr. Castro Lopes